

LUDOVINO LOPES | ADVOGADOS



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE
GABINETE DO SECRETÁRIO

Projeto de Lei da POLÍTICA ESTADUAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS (SP)

Lei nº , de janeiro de 2009

Institui a Política Estadual de Mudanças Climáticas - PEMC, contendo seus princípios, objetivos e instrumentos de aplicação.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO,
Faço saber ...

Art. 1º Esta Lei institui a Política Estadual de Mudanças Climáticas - PEMC, contendo seus princípios, objetivos e instrumentos de aplicação.

Da Política Estadual de Mudanças Climáticas e seus Princípios

Art. 2º A Política Estadual de Mudanças Climáticas – PEMC – tem por objetivo geral estabelecer o compromisso de São Paulo frente ao desafio das mudanças climáticas globais, estabelecendo as condições para as adaptações necessárias aos impactos derivados das mudanças climáticas, bem como contribuir para reduzir ou estabilizar a concentração dos gases de efeito estufa na atmosfera, atingindo nível seguro para garantir o desenvolvimento sustentável.

Art. 3º A PEMC atenderá aos seguintes princípios fundamentais:

I. Da precaução, pelo qual a ausência de certeza científica não pode ser utilizada como razão para postergar medidas eficazes para prevenir a degradação ambiental quando houver ameaça de danos sérios ou irreversíveis à civilização humana;

II. Da prevenção, que consiste na adoção de medidas e políticas públicas capazes de mitigar impactos conhecidos no sistema climático da Terra;

III. Do poluidor-pagador, tendo em vista que o causador do impacto ambiental deve arcar com o custo decorrente do dano causado ao meio ambiente;

IV. Da participação da sociedade civil nos processos consultivos e deliberativos, com amplo acesso à informação, bem como a mecanismos judiciais e administrativos, inclusive no que diz respeito à compensação e reparação de danos ambientais;

V. Do desenvolvimento sustentável, no qual a proteção ambiental é parte integrante do processo produtivo, permitindo a devida qualidade de vida para todos os cidadãos e atendendo equitativamente as necessidades de gerações presentes e futuras;

VI. Das responsabilidades comuns, porém diferenciadas, pelo qual os mais desenvolvidos, em um espírito de parceria proativa para a conservação, proteção e restauração da saúde e da integridade do ecossistema terrestre, devem tomar a



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

iniciativa no combate à mudança global do clima e a seus efeitos negativos, com urgência na ação efetiva;

VII. Da ação governamental, importante na manutenção do equilíbrio ecológico, considerando o meio ambiente como um patrimônio público a ser necessariamente assegurado e protegido, tendo em vista seu uso coletivo, racionalizando o uso do solo, do subsolo, da água e do ar através do acompanhamento do Estado na qualidade ambiental, do planejamento e fiscalização do uso sustentável dos recursos naturais;

VIII. Da cooperação, nacional e internacional, entre Estados, entidades e cidadãos de boa fé, imbuída de espírito de parceria para a realização dos princípios e objetivos maiores da Humanidade;

IX. Da ampla publicidade, assegurando-se absoluta transparência no fornecimento de informações públicas sobre os níveis de emissões contaminantes, a qualidade do meio ambiente e os riscos potenciais à saúde, bem como planos de mitigação e adaptação aos impactos climáticos;

X. Da educação ambiental, capaz de capacitar a sociedade, desde a escola fundamental, construindo atitudes adequadas para o bem comum, incentivando o estudo, a pesquisa e a implantação de tecnologias orientadas para o uso racional e a proteção dos recursos ambientais;

Das Definições

Art. 4º Para os fins previstos nesta Lei, considerem-se as seguintes definições:

I. Adaptação: iniciativas ou medidas capazes de reduzir a vulnerabilidade de sistemas naturais e da sociedade aos efeitos reais ou esperados das mudanças climáticas. Capacidade de adaptação se define como o grau de suscetibilidade de um sistema frente aos efeitos adversos da mudança do clima, inclusive a variabilidade climática e seus eventos extremos.

II. Aquecimento Global: intensificação do efeito estufa natural da atmosfera terrestre em decorrência de ações antrópicas, responsáveis por emissões e pelo aumento da concentração atmosférica de gases que contribuem para o aumento da temperatura média do planeta, provocando fenômenos climáticos adversos.

III. Atmosfera: camada gasosa que envolve a Terra, contendo gases, nuvens, aerossóis e partículas.

IV. Avaliação Ambiental Estratégica: análise integrada dos impactos ambientais e sócio-econômicos advindos dos empreendimentos humanos, considerando-se a inter-relação e a somatória dos efeitos ocasionados num determinado território, com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável em seus pilares ambiental, social e econômico.

V. Bens e serviços ambientais: produtos e atividades, potencial ou efetivamente utilizados para medir, evitar, limitar, minimizar ou reparar danos à água, atmosfera, solo, biota e humanos, minimizando a poluição e o uso de recursos naturais.



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

VI. Biota: conjunto da fauna e flora, incluindo-se os microrganismos, característico de uma determinada região, considerado uma unidade do ecossistema.

VII. Clima: descrição estatística em termos da média e da variabilidade das quantidades relevantes do sistema oceano-atmosfera em períodos de tempo variados, de semanas a milhares de anos.

VIII. Comunicação Estadual: documento oficial do Governo, contendo políticas e medidas abrangentes para a proteção do sistema climático global, tendo como núcleo o inventário de emissões antrópicas de gases de efeito estufa no território paulista, considerando as fontes, sumidouros e reservatórios significativos.

IX. Desenvolvimento Sustentável: processo de geração de riquezas que atende às necessidades presentes sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades, no qual a exploração de recursos, a política de investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e as mudanças institucionais encontram-se em harmonia, elevando o potencial atual e futuro de satisfazer as necessidades e aspirações do ser humano.

X. Ecossistema: comunidade de seres vivos e ambiente onde esta se encontra, ambos tratados como um sistema funcional de relações interativas, com transferência e circulação de energia e matéria.

XI. Efeito estufa: propriedade física de gases (vapor d'água, dióxido de carbono, metano, entre outros) em absorver e reemitir radiação infravermelha resultando em aquecimento da superfície da baixa atmosfera, um processo natural fundamental para manter a vida na Terra.

XII. Efeitos negativos da mudança do clima: alterações no meio ambiente físico ou na biota, resultantes de mudanças climáticas que causem efeitos deletérios sobre a composição, resiliência ou produtividade de ecossistemas naturais, afetem sistemas produtivos de natureza sócio-econômicas e declinem a saúde e o bem-estar humanos.

XIII. Emissões: liberação de substâncias gasosas na atmosfera, considerando uma área específica e um período determinado.

XIV. Eventos extremos: evento, de natureza climática, de ocorrência rara, considerada o padrão de distribuição estatística de referência, calculado em um determinado lugar.

XV. Externalidade: impacto, positivo ou negativo, sobre indivíduos ou setores não envolvidos numa determinada atividade econômica.

XVI. Fonte: qualquer processo ou atividade que libere gás de efeito estufa na atmosfera, incluindo aerossóis ou elementos precursores.

XVII. Gases de efeito estufa: constituintes gasosos da atmosfera, naturais ou resultantes de processos antrópicos, capazes de absorver e reemitir a radiação solar infravermelha, incluindo especialmente, além do vapor d'água, o dióxido de carbono, o metano e o óxido nitroso, o hexafluoreto de enxofre, os hidrofluorcarbonos e os perfluorcarbonos.



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

XVIII. Impactos climáticos potenciais: conseqüências das mudanças climáticas nos sistemas naturais e humanos, desconsiderando sua capacidade de adaptação.

XIX. Impactos climáticos residuais: impactos das mudanças climáticas nos sistemas naturais ou humanos que ocorreriam levando em conta as adaptações efetuadas.

XX. Inventário: levantamento, em forma apropriada e contábil, das emissões de gases de efeito estufa, gerais e individuais, bem como dos impactos ambientais e outros aspectos relacionados às mudanças climáticas.

XXI. Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL): instrumento previsto no Protocolo de Quioto (artigo 12), relativo a ações de mitigação de emissões de gases de efeito estufa e com o propósito de auxiliar os países em desenvolvimento, não incluídos no Anexo I do Protocolo, em atingir o desenvolvimento sustentável e contribuir para o objetivo da Convenção do Clima, prevendo a geração de créditos por Reduções Certificadas de Emissões (RCEs), a serem utilizados pelos países desenvolvidos para cumprimento de suas metas no âmbito do referido acordo internacional.

XXII. Microclima: estado físico da atmosfera muito próxima da superfície terrestre, região associada à existência de organismos vivos como plantações e insetos, geralmente relacionado a um curto período de tempo.

XXIII. Mitigação: abrandamento dos efeitos de um determinado impacto externo sobre um sistema, aliado a precauções e atitudes que visem à eliminação dessa interferência; em termos climáticos, significa a intervenção com objetivo de reduzir alguns fatores antropogênicos que contribuem para sua mudança, podendo incluir meios planejados para reduzir emissões de gases de efeito estufa para a atmosfera; para aumentar a remoção desses gases da atmosfera através do seu armazenamento em formações geológicas, solos, biomassa e no oceano; ou para alterar a radiação solar que chega na Terra através de métodos de geo-engenharia (gerenciamento direto do balanço energético do planeta).

XXIV. Mudança climática: alteração no clima que possa ser direta ou indiretamente atribuída à atividade humana, afetando a composição da atmosfera e que se some àquela provocada pela variabilidade climática natural observada ao longo de períodos comparáveis.

XXV. Mudanças globais: modificações no meio ambiente global (incluindo alterações no clima, uso da terra, oceanos, águas continentais, composição química da atmosférica, ecossistemas, biomas, etc) que possam afetar a capacidade da Terra em suportar a vida.

XXVI. População tradicional: aquela que vive em estreita relação com o ambiente natural, dependendo dos recursos naturais para a sua reprodução sociocultural, por meio de atividades de baixo impacto ambiental.

XXVII. Previsão climática: descrição probabilística de um evento climático futuro baseada em observações de condições meteorológicas atuais e passadas, ou baseada em modelos quantitativos de processos climáticos.



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

XXVIII. **Projeção climática:** descrição do nível de resposta do sistema climático a cenários futuros de desenvolvimento sócio-econômico, tecnológico e políticos, cujas forçantes radiativas podem advir de fontes naturais (emissões vulcânicas, por exemplo) como de fatores antrópicos (queima de combustíveis fósseis ou mudanças no uso e cobertura da terra).

XXIX. **Reservatório:** componente ou componentes do sistema climático que armazenam um gás de efeito estufa ou um seu precursor.

XXX. **Resiliência:** capacidade de um organismo ou sistema de recuperar-se ou adaptar-se com facilidade a mudanças ou impactos.

XXXI. **Seqüestro de carbono:** processo de aumento da concentração de carbono em outro reservatório que não seja a atmosfera, incluindo práticas que incluem a remoção direta de gás carbônico da atmosfera através de mudanças de uso da terra, recomposição florestal, reflorestamento e práticas de agricultura que aumentem a concentração de carbono no solo, a separação e remoção de carbono dos gases de combustão ou pelo processamento de combustíveis fósseis para produção de hidrogênio, além da estocagem por longos períodos em reservatórios subterrâneos vazios de petróleo e gás, carvão e aquíferos salinos.

XXXII. **Sistema climático:** totalidade da atmosfera, criosfera, hidrosfera, biosfera, geosfera e suas interações, tanto naturais quanto por indução antrópica.

XXXIII. **Sumidouro:** lugar, atividade ou mecanismo que remova um gás de efeito estufa, um aerossol ou um precursor de um gás de efeito estufa da atmosfera.

XXXIV. **Sustentabilidade:** capacidade de se manter indefinidamente um certo processo ou estado.

XXXV. **Tempo:** condição específica da atmosfera em um local e dado momento, medido em termos de variáveis como vento, temperatura, umidade, pressão atmosférica, presença de nuvens e precipitação.

XXXVI. **Variabilidade Climática:** variações do estado médio de processos climáticos em escalas temporal e espacial que ultrapassam eventos individuais.

XXXVII. **Vazamento:** variação líquida mensurável de emissões antrópicas de gases de efeito estufa, que ocorrem fora das fronteiras do projeto em questão e que a este são atribuídas.

XXXVIII. **Vulnerabilidade:** grau de suscetibilidade ou inabilidade de um sistema em se proteger dos efeitos adversos da mudança do clima, incluindo variabilidade climática e eventos extremos, sendo função da magnitude e taxa da variação climática ao qual um sistema é exposto, bem como sua sensibilidade e capacidade de adaptação.

XXXIX. **Zoneamento Ecológico Econômico (ZEE):** instrumento básico e referencial para o planejamento ambiental e a gestão do processo de desenvolvimento, capaz de identificar a potencialidade e a vocação de um território, tornando-o base do desenvolvimento sustentável.



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

Dos Objetivos

Art. 5º São objetivos específicos da Política Estadual de Mudanças Climáticas (PEMC):

I. assegurar a compatibilização do desenvolvimento econômico-social com a proteção do sistema climático;

II. fomentar projetos de redução de emissões, seqüestro ou sumidouros de gases de efeito estufa, incluindo os do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo;

III. estabelecer formas de transição produtiva que gerem mudanças de comportamento, no sentido de estimular a modificação ambientalmente positiva, nos padrões de consumo, nas atividades econômicas, no transporte e no uso do solo urbano e rural, com foco na redução de emissões dos gases de efeito estufa e no aumento da absorção por sumidouros;

IV. realizar ações para aumentar a parcela das fontes renováveis de energia na matriz energética de dentro e fora do Estado;

V. implementar ações de prevenção e adaptação às alterações produzidas pelos impactos das mudanças climáticas, visando proteger principalmente os estratos mais vulneráveis da população;

VI. promover a educação ambiental e a conscientização social sobre as mudanças climáticas globais, informando amplamente as observações desse fenômeno, os métodos de quantificação das emissões, inventários, cenários de emissões e impactos ambientais, identificação de vulnerabilidades, medidas de adaptação, ações de prevenção e opções para construir um modelo de desenvolvimento sustentável;

VII. estimular a pesquisa e a disseminação do conhecimento científico e tecnológico para os temas relativos à proteção do sistema climático, tais como impactos, mitigação, vulnerabilidade, adaptação e novas tecnologias, práticas e comportamentos que reduzem a emissão de gases de efeito estufa;

VIII. provocar a participação dos diversos segmentos da sociedade paulista na gestão integrada e compartilhada dos instrumentos desta lei;

IX. definir, e efetivamente aplicar, indicadores e metas de desempenho ambiental nos setores produtivos da economia paulista;

X. valorizar os ativos e a reduzir os passivos ambientais no Estado;

XI. preservar e ampliar os estoques de carbono existentes no Estado;

XII. promover a competitividade de bens e serviços ambientais paulistas nos mercados interno e externo;

XIII. criar e ampliar o alcance de instrumentos econômicos, financeiros e fiscais, incluindo o uso do poder de compra do Estado, para os fins desta Lei;



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE

GABINETE DO SECRETÁRIO

XIV. realizar a Comunicação Estadual e a Avaliação Ambiental Estratégica, integrando-as e articulando-as com outras iniciativas em âmbitos nacional, estaduais e municipais;

XV. promover um sistema de planejamento urbano sustentável de baixo impacto ambiental e energético, incluindo-se a identificação, estudo de suscetibilidade e proteção de áreas de vulnerabilidade indireta quanto à ocupação desordenada do território;

Das Diretrizes

Art.6º São diretrizes da Política Estadual de Mudanças Climáticas

a) Elaborar, atualizar periodicamente e colocar à disposição pública inventários de emissões antrópicas, discriminadas por fontes, e das remoções através de sumidouros, dos gases de efeito estufa não controlados pelo Protocolo de Montreal, empregando metodologias comparáveis nacional e internacionalmente;

b) Formular, implementar, publicar e atualizar regularmente programas regionais que incluam medidas para mitigar a mudança do clima, enfrentando as emissões antrópicas por fontes e remoções por sumidouros de todos os gases de efeito estufa não controlados pelo Protocolo de Montreal, bem como medidas para permitir adaptação adequada à mudança do clima;

c) Promover e cooperar para o desenvolvimento, aplicação e difusão, inclusive transferência, de tecnologias, práticas e processos que controlem, reduzam ou previnam as emissões antrópicas de gases de efeito estufa não controlados pelo Protocolo de Montreal em todos os setores pertinentes, inclusive nos setores de energia, transportes, indústria, agropecuária, silvicultura e administração de resíduos;

d) Promover a gestão sustentável, bem como promover e cooperar na conservação e fortalecimento, conforme o caso, de sumidouros e reservatórios de todos os gases de efeito estufa não controlados pelo Protocolo de Montreal, incluindo a biomassa, as florestas e os oceanos como também outros ecossistemas terrestres, costeiros e marinhos;

e) Cooperar nos preparativos para a prevenção e adaptação aos impactos da mudança do clima; desenvolver e elaborar planos adequados e integrados para a gestão de zonas costeiras, áreas metropolitanas, recursos hídricos e agricultura, e para a proteção e recuperação de regiões particularmente afetadas por secas e inundações;

f) Levar em conta os fatores relacionados com a mudança do clima em suas políticas e medidas sociais, econômicas e ambientais pertinentes, bem como empregar métodos adequados, tais como avaliações de impactos, formulados e definidos nacionalmente, com vistas a minimizar os efeitos negativos da mudança do clima na economia, na saúde pública e na qualidade do meio ambiente;

g) Promover e cooperar em pesquisas técnico-científicas, tecnológicas, sócio-econômicas e outras, bem como em observações sistemáticas e no desenvolvimento de banco de dados relativos ao sistema climático;



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE

GABINETE DO SECRETÁRIO

- h) Promover e cooperar no intercâmbio pleno, aberto e imediato de informações científicas, tecnológicas, sócio-econômicas e jurídicas relativas ao sistema climático e à mudança do clima, bem como às conseqüências econômicas e sociais de diversas estratégias de resposta ao desafio das mudanças climáticas globais;
- i) Alocar recursos financeiros suficientes na educação, treinamento e conscientização pública em relação à mudança do clima, estimulando ampla participação da sociedade civil nesse processo;
- j) Mobilizar a defesa civil do Estado, em resposta a eventuais desastres naturais como deslizamentos, inundações e proteção de áreas de risco, como encostas e fundos de vale;
- k) Realizar e reportar outras ações, projetos e iniciativas, mensuráveis, verificáveis e com cronogramas definidos, oferecendo total transparência à política estadual de mudanças climáticas.

Da Comunicação Estadual

Art. 7º O Governo Estadual deverá realizar sua Comunicação com periodicidade quinzenal, mantendo conformidade com os métodos aprovados pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, contendo as seguintes políticas e medidas:

I. Inventário de emissões, discriminado por fontes de emissão e absorção por sumidouros de gases de efeito estufa, observando preferencialmente a seguinte estrutura de apresentação:

a) Um capítulo sobre “Energia”, composto pelos setores:

- (i) “Queima de combustíveis”, contemplando os subsetores “Energético” (produção de energia secundária), “Indústrias de transformação e de construção”, “Transporte” e, nos demais casos, no subsetor “Outros”
- (ii) “Emissões fugitivas de combustíveis”, contemplando os subsetores “Combustíveis sólidos”, “Petróleo e gás natural”, e “Outros”

b) Um capítulo sobre “Processos industriais”, composto pelos setores:

- (i) “Produtos minerais”
- (ii) “Indústria química”
- (iii) “Produção de metais”
- (iv) “Outras produções”
- (v) “Produção de halocarbonos e hexafluoreto de enxofre”
- (vi) “Consumo de halocarbonos e hexafluoreto de enxofre”, e
- (vii) “Outros”

c) Um capítulo sobre “Uso de solventes e outros produtos”

d) Um capítulo sobre “Agropecuária”, composto por:



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

- (i) "Fermentação entérica"
- (ii) "Tratamento de dejetos"
- (iii) "Cultivo de arroz"
- (iv) "Solos agrícolas"
- (v) "Queimadas proibidas"
- (vi) "Queima de resíduos agrícolas", e
- (vii) "Outros".

(e) Um capítulo sobre "Resíduos", composto por:

- (i) "Resíduos sólidos"
- (ii) "Efluentes líquidos", e
- (iii) "Efluentes industriais"

II. Mapa com avaliação de vulnerabilidades e necessidades de prevenção e adaptação aos impactos causados pela mudança do clima, integrado às ações da Defesa Civil;

III. Referência a planos de ação específicos para o enfrentamento do problema das mudanças climáticas globais, tanto em termos de prevenção e mitigação quanto em adaptação às mudanças climáticas;

Da Avaliação Ambiental Estratégica

Art. 8º. A Avaliação Ambiental Estratégica do processo de desenvolvimento setorial deve ter periodicidade quinquenal, analisando de forma sistemática as conseqüências ambientais de políticas, planos e programas públicos e privados, frente aos desafios das mudanças climáticas, considerando, dentre outros:

- a) o Zoneamento Ecológico-Econômico, revisto a cada dez anos, para disciplinar as atividades produtivas, a racional utilização de recursos naturais, o uso e a ocupação do solo paulista, embasando modelos locais de desenvolvimento sustentável,
- b) estratégias aplicáveis àquelas zonas e atividades de maior vulnerabilidade às mudanças climáticas, prováveis impactos e medidas de prevenção e adaptação;
- c) a definição, quando aplicável, de metas de redução de emissões de gases de efeito estufa, setoriais ou tecnológicas;
- d) os diversos aspectos de transporte sustentável;
- e) as peculiaridades locais, a relação entre os municípios, as iniciativas de âmbito metropolitano, os modelos regionais e a ação integrada entre os órgãos públicos;
- f) políticas e medidas para realizar a mitigação de emissões de gases de efeito estufa e ampliação dos sumidouros de carbono;
- g) medidas de prevenção e adaptação aos impactos das mudanças do clima;



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

- h) estratégias de redução das emissões e absorção por sumidouros induzidas em outras regiões pelas atividades econômicas paulistas, bem como a difusão, para outras regiões, das boas práticas verificadas no Estado de São Paulo;
- i) a proposição de padrões ambientais de qualidade e outros indicadores de sustentabilidade que, com acompanhamento e periódica revisão, norteiem as políticas e ações correlatas a esta lei;
- j) planos de assistência aos municípios, tanto para inventário de emissões e sumidouros, quanto para ações de mitigação quanto para adaptação aos eventos climáticos extremos.

Parágrafo único. A Secretaria de Estado de Meio Ambiente deverá coordenar a definição de indicadores ambientais que permitam avaliar os resultados desta lei e publicar os resultados de seu acompanhamento.

Do Registro Público de Emissões

Art. 9º. O Estado criará e manterá o Registro Público de Emissões, com o objetivo de estabelecer critérios mensuráveis e o transparente acompanhamento do resultado de medidas de mitigação e absorção de gases de efeito estufa, bem como auxiliar os agentes privados e públicos na definição de estratégias para aumento de eficiência e produtividade;

Parágrafo 1º. A participação no Registro Público de Emissões se dará de forma voluntária, através das seguintes etapas:

- a) Formalização da adesão, através da assinatura de um protocolo;
- b) Capacitação e treinamento para a certificação;
- c) Identificação das fontes de emissão de gases de efeito estufa;
- d) Reunião de informações e documentação para comprovar as emissões;
- e) Cálculo das emissões, conforme metodologia previamente validada e publicada pela CETESB, válida para o ano-calendário seguinte, e harmonizada com os capítulos e setores da Comunicação Estadual, incluindo-se as emissões indiretas pelo uso de eletricidade, calor de processo e co-geração.
- f) Certificação das emissões declaradas, por terceira parte independente e credenciada, nos casos previstos;
- g) Declaração das emissões realizadas no ano-calendário anterior.

Parágrafo 2º. O Poder Público definirá incentivos para a adesão ao Registro Público, tais como:

- a) fomento para reduções de emissões de gases de efeito estufa;
- b) ampliação do prazo de renovação de licenças ambientais;



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

- c) priorização e menores taxas de juros em financiamentos públicos;
- d) certificação de conformidade;
- e) incentivos fiscais.

Parágrafo 3º. O Registro Público de Emissões deverá ser realizado segundo a seguinte abrangência:

- a) por empreendimento e por conjunto de empreendimentos, no caso de pessoas jurídicas de direito privado;
- b) em sua totalidade, no caso de pessoa jurídica de direito público;

Parágrafo 4º. A CETESB definirá critérios de linhas de corte que estabeleçam a obrigatoriedade da certificação por terceira parte das emissões informadas ao Registro Público de Emissões.

Do disciplinamento do uso do solo

Art. 10. O disciplinamento do uso do solo urbano e rural buscará, dentre outros:

- a) prevenir e evitar a ocupação desordenada de áreas de vulnerabilidade direta e indireta, como o setor costeiro, zonas de encostas e fundos de vale
- b) atenuar efeitos de desastres de origem climática; prevenindo e reduzindo os impactos principalmente sobre áreas de maior vulnerabilidade;
- c) promover o transporte sustentável e minimizar o consumo de combustíveis pelo deslocamento de pessoas e bens;
- d) ordenar a agricultura e as atividades extrativas, adaptando a produção a novos padrões de clima e disponibilidade hídrica, diversificando a produção para garantir o suprimento, contendo a desertificação, utilizando áreas degradadas sem comprometer ecossistemas naturais, controlando queimadas e incêndios, prevenindo a formação de erosões, protegendo nascentes e fragmentos florestais, recompondo corredores de biodiversidade;
- e) ordenar os múltiplos usos da água, permitindo a proteção de recursos hídricos, a gestão compartilhada e racional da água, além de prevenir ou mitigar efeitos de inundações;
- f) integrar a dimensão climática aos planos de macrodrenagem e recursos hídricos;
- g) incorporar a questão das alterações e formas de proteção do microclima no ordenamento territorial urbano, protegendo a vegetação arbórea nativa;
- h) delimitar, demarcar e recompor com cobertura vegetal áreas de reserva legal e, principalmente, áreas de preservação permanente, matas ciliares, fragmentos e remanescentes florestais.



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

- i) identificar e mapear as vulnerabilidades existentes nos territórios municipais, embasando políticas locais de adaptação aos impactos decorrentes das mudanças climáticas;
- j) manter atualizado o levantamento de áreas a serem preservadas pelo Estado ou Municípios, necessárias para a manutenção do equilíbrio bioclimático do território paulista;
- k) aumentar a cobertura vegetal das áreas urbanas, promovendo o plantio de espécies adequadas à redução das chamadas ilhas de calor;
- l) promover a descentralização da atividade econômica e dos serviços públicos, visando a redução da demanda por transporte;

Da Produção, Comércio e Consumo

Art. 11. Cabe ao Poder Público propor e fomentar medidas que privilegiem padrões sustentáveis de produção, comércio e consumo, de maneira reduzir a demanda de insumos, utilizar materiais menos impactantes e gerar menos resíduos, com conseqüente redução das emissões dos gases de efeito estufa.

Art.12. Para os fins do Artigo anterior deverão ser consideradas, dentre outras iniciativas, aquelas nas áreas de:

I. licitação sustentável, para adequação do perfil e poder de compra do poder público estadual em todas as suas instâncias;

II. responsabilidade pós-consumo, incorporando externalidades ambientais e privilegiando o uso de bens e materiais que tenham reuso ou reciclagem consolidados;

III. conservação de energia, estimulando a eficiência na produção e no uso final das mercadorias;

IV. combustíveis mais limpos e energias renováveis, notadamente a solar e a bioenergia;

V. extração mineral, minimizando o consumo de combustíveis fósseis na atividade mineradora, reduzindo o desmatamento, evitando assoreamento de rios pelas cavas, protegendo as encostas de morros e promovendo a recuperação vegetal;

VI. construção civil, incentivando projetos de habitação sustentável e de eficiência energética, redução de perdas, normas técnicas que assegurem qualidade e desempenho de produtos, uso de materiais reciclados e de energia solar;

VII. agricultura e atividades extrativas, adaptando a produção a novos padrões de clima e disponibilidade hídrica, reduzindo emissões de gases de efeito estufa através da racionalização do uso do solo rural e dos recursos naturais, favorecendo a bioenergia sustentável, diversificando a produção, utilizando as áreas degradadas sem comprometer os cerrados e outros ecossistemas naturais, controlando queimadas e incêndios, prevenindo a formação de erosões, protegendo nascentes e fragmentos florestais, recompondo corredores de biodiversidade; na pecuária, reduzindo a



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

emissão de metano pela fermentação entérica em animais e a pressão dessas atividades sobre florestas e outros ecossistemas naturais;

VIII. transporte, em todas as fases da produção e desta para o consumo, minimizando distâncias e uso de combustível fóssil, privilegiando o transporte coletivo, otimizadores do uso de recursos naturais;

IX. eficiência energética nos edifícios públicos;

X. macrodrenagem e múltiplos usos da água, assegurando a proteção de recursos hídricos, a gestão compartilhada e racional da água, além de prevenir ou mitigar efeitos de inundações;

XI. redução do desmatamento e queimadas, bem como a recuperação de florestas e outros ecossistemas naturais que retenham o carbono da atmosfera, tanto de forma direta dentro dos limites do Estado quanto de forma indireta em outras regiões, podendo para tal controlar e proibir o uso de madeira, carvão vegetal e outros insumos de origem florestal sem procedência legal.

Art. 13. O Estado de São Paulo poderá definir padrões de desempenho ambiental de produtos comercializados em seu território, devendo as informações ser prestadas pelos fabricantes ou importadores.

Parágrafo único. Cabe ao Conselho Estadual de Meio Ambiente aprovar os padrões referidos no caput, sendo a CETESB responsável pela sua definição, podendo para tal se articular com outros organismos técnicos através de convênios e cooperações.

Art. 14. O Estado de São Paulo estabelecerá parcerias com entes públicos e privados com o objetivo de capacitar e auxiliar o micro e pequeno empreendedor em projetos de redução de emissão de gases de efeito estufa.

Do Licenciamento, Prevenção e Controle de Impactos Ambientais

Art. 15. O licenciamento ambiental de empreendimentos e suas bases de dados deverão incorporar a finalidade climática, compatibilizando-se com a Comunicação Estadual, a Avaliação Ambiental Estratégica e o Registro Público de Emissões.

Parágrafo 1º. A redução na emissão de gases de efeito estufa deverá ser integrada ao controle da poluição atmosférica e ao gerenciamento da qualidade do ar e das águas, instrumentos pelos quais o Poder Público impõe limites para a emissão de contaminantes locais.

Parágrafo 2º. O Poder Público orientará a sociedade para estes fins com instrumentos normativos, normas técnicas e manuais de boas práticas.

Do Transporte Sustentável

Art. 16. Políticas públicas deverão priorizar o transporte sustentável, no sentido de minimizar as emissões de gases de efeito estufa, atendendo aos seguintes fins e exigências



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

- I. prioridade ao transporte não-motorizado de pessoas e depois coletivo sobre o transporte motorizado individual;
- II. adoção de metas para a implantação de ciclovias para trabalho e lazer, com combinação de modais de transporte;
- III. racionalização e redistribuição da demanda pelo espaço viário, melhora da fluidez no tráfego, redução da frequência e intensidade dos congestionamentos;
- IV. estímulo a entrepostos de veículos de carga e outras opções de troca de modais que permitam a redistribuição capilar de produtos;
- V. estímulo à implantação de atividades econômicas geradoras de emprego e serviços públicos em áreas periféricas predominantemente residenciais;
- VI. coordenação com a Avaliação Ambiental Estratégica;
- VII. controle e redução de emissões de veículos novos e em circulação;
- VIII. renovação da frota em uso;
- IX. informação clara e transparente ao consumidor sobre os veículos, no que tange às emissões atmosféricas de poluentes locais e gases de efeito estufa e ao consumo de combustível;
- X. definição de padrões de desempenho ambiental de veículos, estabelecimento de indicadores e rotulagem ambiental;
- XI. informação ao público em geral sobre tópicos como:
 - a) poluição do ar e contribuição para o aumento do efeito estufa;
 - b) impactos sobre a saúde humana e meio ambiente;
 - c) efeitos socioeconômicos e sobre a infraestrutura;
 - d) planos de transporte e ações de mobilidade.
- XII. prioridade na fiscalização de emissões de poluentes e inspeção veicular;
- XIII. cadastro ambiental de veículos, em conexão com a Inspeção Veicular;
- XIV. inventário de emissões, parte da Comunicação Estadual;
- XV. medidas de emergência e de restrição à circulação de veículos, no sentido de evitar a ocorrência de episódios críticos de poluição atmosférica, respeitados os usos essenciais, assim considerados por lei;
- XVI. controle de emissões evaporativas em veículos, bem como postos de abastecimento, bases, terminais e estações de transferência de combustíveis;



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

XVII. planejamento e adoção de medidas inibidoras das condutas de trânsito que agravem as condições ambientais;

XVIII. medidas que levem à distribuição da ocupação de vias e rodovias, como o escalonamento de horários de utilização de vias públicas;

XIX. tarifação do tráfego, determinando diferentes formas de utilização de vias urbanas e metropolitanas;

XX. combate aos subsídios, tributos e imperfeições de mercado que estimulem a permanência de veículos obsoletos e combustíveis mais poluentes, em termos de emissão de gases de efeito estufa;

XXI. cobrança por atividades emissoras de gases de efeito estufa e pelo uso de vias terrestres;

XXII. condições para privilegiar modais de transporte mais eficientes e com menor emissão por passageiro ou unidade de carga;

XXIII. proteção da cobertura vegetal existente e incremento da arborização pública e de cortinas de vegetação;

XXIV. racionalização do sistema de transporte, com medidas estruturais e de planejamento, como:

a) desestímulo ao transporte motorizado individual e à demanda de infra-estrutura urbana por veículos particulares;

b) modais ambientalmente preferíveis para o transporte de pessoas e bens;

c) corredores urbanos, anéis viários e outras obras de infraestrutura urbana;

d) coordenação de ações em regiões metropolitanas e harmonização de iniciativas municipais;

e) outras estratégias adequadas de mobilidade

f) melhoria da comunicação nos sistemas viários e de transporte visando à otimização do tráfego, aumento da segurança, diminuição dos impactos ambientais e das condutas abusivas ao trânsito;

XXVI. educação ambiental, campanhas de esclarecimento e conscientização, debates públicos;

XXVII. adequação da matriz energética através, dentre outros, de:

a) melhoria da qualidade dos combustíveis;

b) transição para fontes menos impactantes;

c) conservação de energia;



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

- d) indução ao uso de sistemas eletrificados de transporte coletivo, especialmente em áreas adensadas;
- e) carona solidária e outras formas de uso compartilhado de transporte individual;
- f) estímulo a veículos individuais de menor porte, mais eficientes e menos emissores de gases de efeito estufa;
- g) estabelecimento e acompanhamento de indicadores de desempenho energético e ambiental;

XXVIII. fomento a pesquisas e desenvolvimento na área do transporte sustentável;

XXIX. revisão das políticas energética e fiscal do Estado visando à conservação de energia e ao aumento da participação das fontes renováveis na matriz;

Do Gerenciamento de Recursos Hídricos, Resíduos e Efluentes

Art. 17. A Política Estadual de Recursos Hídricos, o Sistema Integrado de Gerenciamento de Recursos Hídricos, os planos de bacias hidrográficas, os Comitês de Bacia Hidrográfica, o Comitê Coordenador do Plano Estadual de Recursos Hídricos e o Conselho Estadual de Recursos Hídricos devem contemplar as mudanças climáticas, a definição das áreas de maior vulnerabilidade e as ações de prevenção, mitigação e adaptação estabelecidas nesta lei.

Art. 18. O Plano Diretor de Resíduos Sólidos e as ações no âmbito da Política Estadual de Resíduos Sólidos devem contemplar as mudanças climáticas, a definição das áreas de maior vulnerabilidade e as ações de prevenção, adaptação e mitigação, com ênfase na prevenção, redução, reuso, reciclagem e recuperação do conteúdo energético dos resíduos, nessa ordem.

Art. 19. O Estado incentivará a recuperação de metano gerado pela digestão anaeróbia de sistemas de tratamento de esgotos domésticos, efluentes industriais, resíduos rurais e resíduos sólidos urbanos.

Do Plano Emergencial contra Catástrofes

Art. 20. O Governo do Estado de São Paulo estabelecerá um Plano Estratégico para Ações Emergenciais – PEAE, para resposta a eventos climáticos extremos que possam gerar situação de calamidade pública em território paulista, notadamente em áreas de vulnerabilidade direta.

Da Educação, Capacitação e Informação

Art. 21. Ao Poder Público incumbirá, juntamente com a sociedade civil:

- a) desenvolver programas de sensibilização, conscientização, mobilização e disseminação de informações, para que a sociedade civil possa efetivamente contribuir com a proteção do sistema climático, em particular divulgar informações ao



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

consumidor sobre o impacto de emissões de gases de efeito estufa dos produtos e serviços;

b) apoiar e facilitar a realização de estudos, pesquisas e ações de educação e capacitação nos temas relacionados às Mudanças Climáticas, com particular ênfase na execução de inventários de emissões e sumidouros, bem como na identificação das vulnerabilidades decorrentes do aumento médio da temperatura do planeta, visando a promoção de medidas de prevenção, adaptação e de mitigação;

c) estimular linhas de pesquisa sobre as mudanças climáticas, impactos, mitigação, vulnerabilidade, adaptação e novas tecnologias de menor emissão de gases de efeito estufa, inclusive mediante convênios públicos com Universidades e institutos;

d) integrar às ações de governo os resultados das pesquisas técnico-científicas;

e) fomentar e articular ações em âmbito municipal, oferecendo assistência técnica em tópicos tais como transporte sustentável, uso do solo, recuperação florestal, conservação de energia, gerenciamento de resíduos e mitigação de emissões de metano.

Dos Instrumentos Econômicos

Art. 22. Para os objetivos desta lei, o Governo do Estado de São Paulo deverá:

I. criar instrumentos econômicos e estimular o crédito financeiro voltado a medidas de mitigação de emissões de gases de efeito estufa e de adaptação aos impactos das mudanças climáticas;

II. estabelecer preços e tarifas públicas, taxação e outras formas de cobrança por atividades emissoras de gases de efeito estufa;

III. desenvolver estímulos econômicos para a manutenção de florestas existentes e desmatamento evitado; compensação voluntária pelo plantio de árvores, recuperação da vegetação e proteção de florestas;

IV. estimular a implantação de projetos que utilizem o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), a fim de que se beneficiem do "Mercado de Carbono" decorrente do Protocolo de Quioto, e outros mercados similares, por meio de:

a. mecanismos de caráter institucional e regulatório, bem como auxílio na interlocução com investidores nacionais e estrangeiros, públicos ou privados;

b. estímulo a projetos MDL que auxiliem a recuperação e conservação da biodiversidade paulista;

c. capacitação de empreendedores de projetos MDL em suas várias etapas;

d. disseminação das normas relativas aos critérios e metodologias emanadas do Comitê Executivo do MDL no que tange à adicionalidade e outras matérias;

-



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

e. auxílio na interlocução junto à Comissão Interministerial de Mudanças Globais do Clima (CIMGC) e outras entidades oficiais;

f. estímulo à obtenção de créditos de carbono originados de projetos MDL, com ênfase nas vantagens competitivas decorrentes da adoção de práticas de sustentabilidade por empreendedores brasileiros;

Art. 23. Será criado o Programa de Remanescentes Florestais, operacionalizado pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente, com o objetivo de fomentar a delimitação, demarcação e recuperação de matas ciliares e outros tipos de fragmentos florestais, podendo instituir pagamento por serviços ambientais aos proprietários rurais conservacionistas, bem como incentivos econômicos a políticas voluntárias de redução de desmatamento e proteção ambiental.

Art. 24. Os recursos advindos da comercialização das reduções certificadas de emissões (RCEs) de gases de efeito estufa que forem de titularidade da Administração Pública deverão ser aplicados prioritariamente na recuperação do meio ambiente e na melhoria da qualidade de vida da comunidade moradora do entorno do projeto.

Art. 25. Nos termos do Art. 16, a aplicação dos recursos do FEHIDRO deverá contemplar as mudanças climáticas, a definição das áreas de maior vulnerabilidade e as ações de prevenção, mitigação e adaptação.

Art. 26. O FECOP – Fundo Estadual de Prevenção e Controle da Poluição, além de apoiar e incentivar a execução de projetos relacionados ao controle, à preservação e à melhoria do meio ambiente no Estado, terá como atribuição financiar ações e planos específicos de enfrentamento dos efeitos das alterações do clima para adaptações às mudanças climáticas.

Parágrafo 1º. Os recursos financeiros deverão ser provenientes:

- I. Dotações orçamentárias do Estado;
- II. De um percentual de 5% da receita obtida pelos royalties estaduais de exploração de petróleo e gás natural no território paulista;
- III. Doações, empréstimos e transferências de instituições nacionais ou internacionais, públicas ou privadas.

Parágrafo 2º. Terão prioridade no acesso aos recursos previstos no caput:

- I. As regiões mais atingidas por catástrofes naturais relacionadas ao clima;
- II. Os municípios com maiores índices de vulnerabilidade a mudanças climáticas;
- III. Os setores da economia mais afetados pelas mudanças do clima;
- IV. Os municípios que apórem contribuições e contrapartidas ao Fundo.

Da Articulação e Operacionalização

Art. 27. Os princípios, objetivos, diretrizes e instrumentos das políticas públicas e programas governamentais deverão ser compatíveis com esta lei, cabendo ao Poder Público e entidades do terceiro setor:



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE

GABINETE DO SECRETÁRIO

I. desenvolver programas de adaptação às mudanças climáticas e aos eventos climáticos extremos, priorizando as populações mais vulneráveis, devendo-se facilitar a interação entre a sociedade civil e o poder público paulista, para promover a internalização do tema nas esferas de atuação dos atores sociais relevantes, tais como Secretarias de Estado, Autarquias e Fundações Estaduais e Municipais, Prefeituras, setores empresarial e acadêmico, sociedade civil organizada e meios de comunicação social.

II. promover mecanismos jurídicos para a proteção da saúde humana e ambiental, de defesa do consumidor e de demais interesses difusos relacionados com os objetivos desta lei;

III. realizar acordos setoriais de redução voluntárias das emissões de gases de efeito estufa entre o Governo Estadual e entidades empresariais privadas;

IV. fortalecer as instâncias de governo ligadas às ações de proteção do sistema climático e capacitar entidades públicas e privadas para fomentar a adesão às ações relacionadas com esta lei;

V. realizar ampla e freqüente consulta à sociedade civil, garantindo também a participação constante e ativa nos fóruns e a articulação com outras políticas e programas, nas esferas nacional ou internacional, isolada ou conjuntamente considerados, que possam contribuir com a proteção do sistema climático;

VI. incentivar e articular iniciativas de âmbito municipal, cooperando com a esfera federal, respeitando as respectivas competências e gerenciando de forma integrada e estratégica;

VII. estimular a cooperação entre governos, organismos internacionais, agências multilaterais, organizações não-governamentais internacionais e entidades paulistas no campo das mudanças climáticas globais;

VIII. apoiar a obtenção de financiamentos nacionais e internacionais para aplicação em programas e ações no Estado de São Paulo relacionados às Mudanças Climáticas;

IX. estimular a participação das entidades paulistas nas Conferências das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas e do Protocolo de Quioto;

X. estimular a incorporação da dimensão climática no processo decisório relativo às políticas setoriais que se relacionem com emissões e seqüestro de gases de efeito estufa, bem como estimular a adoção de práticas e tecnologias mitigadoras das emissões dos referidos gases, de modo a assegurar a competitividade da economia paulista;

XI. buscar a integração dos objetivos constantes do presente inciso com iniciativas decorrentes da Convenção de Viena, do Protocolo de Montreal e demais convenções e acordos internacionais correlatos, ratificados pelo Brasil;

XII. promover articulação e intercâmbio entre as esferas estadual e federal, de modo a facilitar a acessibilidade aos dados e informações produzidos por órgãos públicos



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE

GABINETE DO SECRETÁRIO

necessários à elaboração dos Inventários das Emissões de Gases de Efeito Estufa pelos municípios

XIII. apoiar a Defesa Civil dos municípios;

XIV. priorizar a instalação de serviços públicos em regiões periféricas predominantemente residenciais;

Art. 28. Os órgãos integrantes do Sistema Estadual do Meio Ambiente deverão compatibilizar a aplicação dos instrumentos da Política Estadual do Meio Ambiente com os princípios, objetivos, diretrizes e instrumentos da Política Estadual de Mudanças Climáticas – PEMC.

Parágrafo único. O Programa de Mudanças Climáticas do Estado de São Paulo – PROCLIMA - coordenará as ações estaduais sistemáticas de inventário e acompanhará o monitoramento de vulnerabilidades, implementação de medidas de adaptação e a sistematização de informações sobre as emissões de gases de efeito estufa.

Art. 29. Fica instituído o Fórum Paulista de Mudanças Climáticas e Biodiversidade (FPMCB), com o objetivo de conscientizar e mobilizar a sociedade paulista para a discussão e tomada de posição sobre o fenômeno das mudanças climáticas globais, a necessidade da conservação da diversidade biológica do planeta e a promoção da sinergia entre as duas temáticas, que será presidido pelo Governador de Estado e terá como Secretário Executivo o Secretário de Estado do Meio Ambiente.

Parágrafo único. Serão disciplinadas por decreto as questões relativas à composição, ao funcionamento do Fórum, tais como aportes de recursos humanos, administrativos e orçamentários necessários, bem como a colaboração por parte dos órgãos e entidades da administração pública Estadual.

Art. 30. A Secretaria de Meio Ambiente fixará as diretrizes para a elaboração da Comunicação Estadual, da Avaliação Ambiental Estratégica e do Registro Público de Emissões, arts 6º. a 8º. desta lei.

Das Metas e Prazos

Art. 31. O Estado de São Paulo definirá medidas reais, mensuráveis e verificáveis para reduzir suas emissões antrópicas de gases de efeito estufa, devendo para isso adotar, dentre outros:

I - metas de estabilização ou redução de emissões, individual ou conjuntamente com outras regiões do Brasil e do mundo;

II - metas de eficiência setoriais, tendo por base as emissões de gases de efeito estufa inventariadas para cada setor e parâmetros de eficiência que identifiquem, dentro de cada setor, padrões positivos de referência;

III - mecanismos adicionais de troca de direitos obtidos.



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE

GABINETE DO SECRETÁRIO

Art. 32. O Poder Executivo, através da Secretaria Estadual de Meio Ambiente, se obriga a finalizar e comunicar, até dezembro de 2010, o inventário das emissões por atividades antrópicas dos gases de efeito estufa que definirão as bases para o estabelecimento das metas pelo Estado de São Paulo.

Parágrafo 1º. O setor energético adotará, considerando as condições observadas entre 1990 e 2007, a meta de redução de 20% (vinte por cento) das emissões de dióxido de carbono (CO₂) por unidade de oferta interna de energia, relativas a 1990, em 2020.

Parágrafo 2º. O Poder Executivo reverá o processo a cada cinco anos e poderá fixar metas indicativas intermediárias antes de 2020, globais ou setoriais.

Disposições Transitórias e Finais

Art. 33. O Estado de São Paulo, assumindo sua tarefa no enfrentamento do desafio das mudanças climáticas globais, se compromete, dentro dos seguintes prazos, após a publicação desta lei, a:

- I. elaborar sua Comunicação em até 2 (dois) anos;
- II. publicar a metodologia para o Registro Público de Emissões em até 1 (um) ano;
- III. publicar os resultados do Registro Público de Emissões em até 2 (dois) anos;
- IV. definir os critérios para a Avaliação Ambiental Estratégica e o Zoneamento Econômico-Ecológico em até um 1 (ano);
- V. implantar a Avaliação Ambiental Estratégica em até 3 (três) anos;
- VI. implantar o Zoneamento Econômico-Ecológico em até 3 (três) anos;
- VII. elaborar o Plano de Transporte Sustentável em até 2 (dois) anos;
- VIII. organizar o modelo de licitação pública sustentável em até 2 (dois) anos;
- IX. elaborar um plano participativo de adaptação aos efeitos das mudanças climáticas, contemplando catástrofes de origem climática, em até 3 (três) anos;
- X. tornar públicas, em até 1 (um) ano, as informações sobre emissões de gases de efeito estufa e outros poluentes dos veículos automotores homologados pelo Programa Nacional de Controle de Emissões Veiculares (PROCONVE) comercializados no Estado, podendo para tal definir um critério de rotulagem ambiental.

Art. 34. Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, devendo ser regulamentada no prazo de 360 (trezentos e sessenta) dias.



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE

GABINETE DO SECRETÁRIO

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

1. Evidência

No âmbito das Nações Unidas, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC ou *Intergovernmental Panel on Climate Change*) reconhece a forte evidência científica de que atividades humanas (ou antropogênicas) estão aumentando substancialmente as concentrações atmosféricas de gases de efeito estufa, intensificando o efeito estufa natural, o que resulta em um aquecimento adicional da superfície e da atmosfera da Terra. O aquecimento global afeta negativamente os ecossistemas e ameaça o futuro da Humanidade.

2. Causas

O IPCC reporta que a maior parcela das emissões globais, históricas e atuais, de gases de efeito estufa, se origina dos países desenvolvidos, sendo relativamente baixas as emissões per capita dos países em desenvolvimento. Contudo, é crescente e preocupante a parcela de emissões das nações emergentes no total global.

3. Urgência da ação

Os cientistas do IPCC sugerem que o sistema climático está sob risco, sendo necessárias urgentes ações para enfrentar o dilema ambiental. A natureza global da mudança do clima requer a maior cooperação possível de todas as Nações, em todos os níveis de governo e de toda a sociedade. A resposta deve ser efetiva e apropriada, conforme respectivas capacidades e condições sociais e econômicas. Deve, também, ser enfrentada imediatamente, sob pena de acumular alto custo no longo prazo. Incertezas, ainda existentes, nas previsões relativas à mudança do clima não justificam a inação, nem do governo, nem da sociedade.

4. Adaptação

São necessárias medidas ambiciosas e imediatas para a adaptação da economia e da sociedade aos efeitos negativos de origem climática. O mapeamento das vulnerabilidades e suscetibilidades aos impactos esperados, bem como o planejamento territorial, econômico e sócio-ambiental, consistente e com visão de longo prazo, são instrumentos fundamentais para políticas eficazes relacionadas às mudanças climáticas.

5. Sequestro de carbono

A PEMC reconhece o papel e a importância dos sumidouros e reservatórios de gases de efeito estufa nos ecossistemas terrestres e marinhos. A recuperação e proteção das florestas, prevenindo emissões e aumentando sumidouros de carbono, incluindo a recuperação das matas ciliares nas áreas de preservação permanentes (APP's) e a recomposição da Reserva Legal, contribui significativamente para a mitigação das mudanças climáticas globais por meio da absorção e fixação de carbono, necessários ao crescimento arbóreo. O Projeto Ambiental Estratégico em curso prevê a



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

recuperação de 1,7 milhões de hectares de vegetação da mata atlântica, num prazo de 25 anos.

6. Mitigação das emissões de gases de efeito estufa

As medidas necessárias para enfrentar a mudança do clima são, por natureza, economicamente justificáveis, e também podem ajudar a solucionar outros problemas ambientais. Nesse âmbito, dentre outras ações, São Paulo buscará incrementar a participação do Brasil no Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), Art. 6º, advindo do Protocolo de Quioto. Sem comprometer o requisito de adicionalidade do Protocolo (Art. 6, 1, b), São Paulo reconhece a importância de determinadas metas obrigatórias de redução de emissão de gases de efeito estufa, com prazos realistas, entretanto ambiciosos para sua realização.

Novas tecnologias, eficiência dos processos existentes e utilização de fontes renováveis e sustentáveis de energia podem auxiliar consideravelmente a consecução desse fim, permitindo alcançar melhores níveis de produção e consumo. Dentre as alternativas para mitigação das emissões antropogênicas de gases de efeito estufa podem-se citar: (i) a troca de combustíveis fósseis por outros menos emissores, como os provenientes da biomassa; (ii) a conservação de energia, através da produção mais eficiente e do uso mais racional, fatores que reduzem o impacto ambiental das atividades humanas (ou *pegada ecológica*); (iii) a diminuição ou mesmo a eliminação de emissões em processos industriais de gases de efeito estufa, caso do dióxido de carbono em siderúrgicas e cimenteiras, ou ainda a troca de clorofluorcarbonos por outras substâncias menos impactantes; (iv) o consumo sustentável, gerando menos lixo ou utilizando transporte não

7. Alinhamento das decisões

Determinado a proteger o sistema climático para gerações presentes e futuras, o Estado de São Paulo reconhece seu amplo dever de cooperação e se alinha com as decisões em nível nacional, especialmente as decorrentes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima.

A natureza global da mudança do clima requer a maior cooperação possível e ampla participação para conseguir respostas efetivas e apropriadas, conforme o princípio das responsabilidades comuns, porém diferenciadas, e conforme as capacidades e condições sociais e econômicas de cada estrato social.

A responsabilidade histórica dos países desenvolvidos pelos efeitos climáticos é um fator a ponderar nessa questão, porém que não deve postergar ações vigorosas por parte de outras regiões do mundo. O Mapa do Caminho da Conferência de Bali, da última Convenção do Clima da ONU, aponta que os países em desenvolvimento devem promover medidas de mitigação de gases de efeito estufa que sejam mensuráveis, reportáveis e verificáveis. São Paulo não apenas concorda, como quer estar à frente desse processo. Cooperando com o Brasil, São Paulo deve elaborar legislação ambiental eficaz, na qual normas ambientais, objetivos administrativos e prioridades devem refletir o seu contexto ambiental e de desenvolvimento. Medidas para enfrentar a mudança do clima devem ser coordenadas, de forma integrada, com o desenvolvimento social e econômico, de maneira a evitar efeitos negativos neste



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

último, levando plenamente em conta as prioridades do crescimento econômico sustentável, erradicando a pobreza.

8. Relação com outras ações de desenvolvimento e de proteção ambiental

A Política Estadual de Mudanças Climáticas objetiva ser instrumento eficaz, coordenado e integrado, no qual as normas ambientais, objetivos administrativos e prioridades devem refletir o contexto ambiental e de desenvolvimento. Dentro da competência comum em matéria ambiental (Art. 23, VI, CF 88), isso deve ocorrer de forma compatível com os instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente (Art. 6º. § 1º, Lei Federal nº 6.938, 31.08.1981), Política Estadual de Meio Ambiente (Lei n 9.509, de 20 de março de 1997) e demais políticas públicas e programas governamentais. A Política Estadual de Mudanças Climáticas se articulará ainda com a Política Nacional de Mudanças Climáticas, bem como planos específicos de enfrentamento da questão. O Estado de São Paulo tem também competência para o enfrentamento das questões climáticas no âmbito das áreas metropolitanas (Art. 25 § 3º CF 88).

A Política Estadual de Mudanças Climáticas se coordena com dispositivos legais de planejamento e gestão já incorporados no Sistema Estadual de Meio Ambiente, em especial a Política Estadual do Meio Ambiente e o Sistema Estadual de Administração da Qualidade Ambiental, Proteção, Controle e Desenvolvimento do Meio Ambiente e Uso Adequado dos Recursos Naturais – SEAQUA (Lei Estadual Nº 9.509/97, de 20 de março de 1997, nos termos do Art. 225 da Constituição Federal e o Art. 193 da Constituição do Estado. Pelo Art. 13, cabe à Secretaria de Estado do Meio Ambiente - SMA, órgão central do SEAQUA, coordenar o processo de formulação, aprovação, execução, avaliação e atualização da Política Estadual do Meio Ambiente, provendo o suporte ao CONSEMA.

Nesse arcabouço insere-se o controle da poluição do meio ambiente (regulado pela lei nº 997, de 31 de maio de 1976 e disposições conexas), que permite o estabelecimento de mecanismos de informação sobre emissões e tipologias, adaptáveis à PEMC para estratégias setoriais.

A PEMC também se relaciona com a Política Estadual de Recursos Hídricos, Sistema Integrado de Gerenciamento de Recursos Hídricos e Plano Estadual de Recursos Hídricos (Lei Nº 7.663, 30 de dezembro de 1991, nos termos do artigo 205 da Constituição do Estado), que prevêem a atuação articulada com outras esferas de governo para garantir os aproveitamentos múltiplos atuais e futuros, assim como a defesa contra eventos hidrológicos críticos. A adequada aplicação da Política Estadual de Resíduos Sólidos (Lei Estadual n. 12.300, de 16 de março de 2006) possibilita a mitigação de emissões de metano, importante gás de efeito estufa. A PEMC integra-se com o Plano Estadual de Gerenciamento Costeiro (Lei n º 10.019, de 3 de Julho de 1998) e Zoneamento Ecológico-Econômico do Setor do Litoral Norte (Decreto nº 49.215, de 7 de dezembro de 2004), no sentido de disciplinar e racionalizar a utilização dos recursos naturais, além da ocupação do solo no litoral. Integra-se também com o uso, conservação e preservação do solo agrícola (regulamentado pelas Leis estaduais nº 8.421 de 23 de novembro de 1993 e 6171, de 4 de julho de 1988) obriga a todo aquele que explorar o solo agrícola zelar pelo aproveitamento adequado, pela conservação das águas em todas as suas formas, por evitar processos de desertificação, realizar somente queimadas amparadas por norma regulamentar, evitar



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE GABINETE DO SECRETÁRIO

o desmatamento das áreas impróprias para exploração agro-silvo-pastoril e promover a possível vegetação permanente nessas áreas, quando desmatadas.

Além da Convenção Quadro sobre Mudanças Climáticas, a PEMC relaciona-se com a Agenda 21, a Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB), a Convenção para Combate à Desertificação, a Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Selvagens em Perigo de Extinção (CITES, recepcionada no Brasil pelo Decreto federal nº 3.607, de 21 de setembro de 2000), a Convenção sobre Zonas Úmidas de Importância Internacional (RAMSAR, recepcionada no Brasil pelo Decreto federal nº 1.905, de 16 de maio de 1996).

9. Influência da PEMC além do Estado de São Paulo

Os padrões de produção e consumo de São Paulo produzem efeitos no restante do Brasil e em outras regiões do mundo. Empresas aqui sediadas, ou com significativa atividade, possuem papel de liderança na redução de emissões de gases de efeito estufa, tanto em suas operações quanto nos produtos por elas desenvolvidos. Nacional e internacionalmente São Paulo é referência em energias renováveis com destaque para a bioenergia, em desenvolvimento tecnológico e pesquisa acadêmica, em prevenção e controle da poluição ambiental, em proteção de unidades de conservação e em mecanismos de compensação ambiental. São Paulo pode ser beneficiar economicamente pela crescente demanda mundial por produtos e serviços mais eficientes e ambientalmente menos impactantes, a serem defendidos comercial e tecnicamente. O aquecimento global traz desafios que devem ser revertidos em aumento da competitividade da indústria paulista e a dimensão climática deve ser inserida no critério de resguardo do meio ambiente ecologicamente equilibrado quando do licenciamento ambiental.

São Paulo tem papel de destaque na articulação entre políticas estaduais e na discussão de políticas nacionais. Respeitada a soberania dos países e reconhecendo a importância do nível subnacional para avançar ambiciosamente nas discussões ambientais atuais, São Paulo deve assumir uma posição de liderança na questão da mitigação de emissões de gases de efeito estufa. A adoção de metas de redução de emissões de efeito estufa por um governo subnacional de um país em desenvolvimento é um importante precedente mundial no sentido de proteger o clima do planeta e acelerar os processos de negociação internacional. Também o é a criação de um Fundo de Adaptação para a proteção de gerações futuras, baseado no princípio do poluidor-pagador.

10. Transparência e divulgação

A PEMC foi resultado de um processo transparente, tendo a versão para consulta pública permanecida aberta na *Internet* entre os meses de fevereiro e julho de 2008, em português e em inglês. As contribuições foram sintetizadas e analisadas pela Secretaria Executiva do Fórum Paulista de Mudanças Globais do Clima e Biodiversidade, Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SMA) e Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (CETESB). Além disso, a coordenação da elaboração do projeto de lei consultou, durante todo o processo, especialistas na área de Clima, Energia, Meio Ambiente e Produção mais Limpa. O texto final da PEMC procurou adotar ao máximo as sugestões enviadas, sem perder de vista a premissa de ações vigorosas, urgentes e eficazes para a proteção do sistema climático global, dos



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE
GABINETE DO SECRETÁRIO

ecossistemas, da saúde humana e da economia no longo prazo. Para divulgar e propagar essas iniciativas, São Paulo já estabeleceu diversas cooperações com outros Estados e Províncias do mundo e é ponto focal nas Américas da Rede de Governos Regionais para o Desenvolvimento Sustentável. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) também ampara a iniciativa paulista e visa replicá-la como melhor prática em outros países.

Dessa forma, o resultado do trabalho aqui apresentado busca a adoção de um marco legal desburocratizado, objetivo e pedagógico, capaz de promover o desenvolvimento econômico de maneira sustentável no Estado de São Paulo, com reflexos no restante do país e em outras regiões do mundo.